

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

TAMMI SCHALM DA SILVA

Fake News: como ensinar os alunos a lidarem com essa realidade?

**Porto Alegre
2018**

TAMMI SCHALM DA SILVA

Fake News: como ensinar os alunos a lidarem com essa realidade?

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientadora:
Me. Aline de Campos

Porto Alegre
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Prof^ª. Jane Fraga Tutikian

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Celso Giannetti Loureiro Chaves

Diretor do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof. Leandro Krug
Wives

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Profa. Liane Margarida
Rockenbach Tarouco

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Aline de Campos, pelo tempo, interesse e dedicação com minha pesquisa, e por acreditar que o tema é relevante para ser trabalhado na área da educação. Agradeço também ao meu companheiro, Ronaldo Goulart, que me auxiliou na busca de textos e reportagens, e à minha amiga, Nanashara Fagundes Behle, por ter contribuído com material de estudo, e pelo incentivo e motivação. Por fim, faço um agradecimento especial a todos os professores que dedicaram um pouco do seu tempo para responder o questionário sobre *fake news* e educação, contribuindo de forma significativa com a minha pesquisa.

RESUMO

A presente pesquisa é de natureza aplicada, de caráter quantitativo, mas conta com algumas análises qualitativas, tendo como objetivo principal mostrar para professores e equipes pedagógicas a importância de estudar sobre as *fake news* na escola, desde o Ensino Fundamental. As notícias falsas existem há muito tempo, mas a chegada da tecnologia e o crescimento das redes sociais agravaram de forma muito rápida o problema, que tem gerado transtornos em diversos setores da sociedade, sendo que alguns casos reais são citados aqui. Foi realizada uma pesquisa com professores de áreas e níveis de ensino diferentes, com o intuito de ter uma percepção da visão deles sobre o tema, e também saber se eles consideram importante que o assunto seja trabalhado nas escolas. O instrumento utilizado para a coleta dos dados foi um questionário, elaborado no *Google Forms*. Se há uma maneira de pelo menos diminuir a desinformação, ela está nas mãos dos professores.

Palavras-chave: *Fake news*. Educação. Desinformação. Notícias Falsas.

ABSTRACT

The research is of applied nature, of quantitative character, but it relies on some qualitative analyzes. This study has as main objective to show teachers and pedagogical teams the importance of studying about fake news at school, since elementary school. False news has been around for a long time, but the advent of technology and the growth of social networks have aggravated the problem very quickly, which has generated disruption in various sectors of society, with some real cases being mentioned here. A survey has been conducted with teachers from different areas and levels of education, in order to assess their views on the topic, and also to learn if they consider important the subject to be worked in schools. A Google Forms survey has been used to collect data. If there is a way to at least reduce misinformation, it is at teacher's discretion.

Keywords: *Fake news*. Education. Desinformation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 2.2.1.1 - Ilustração representa o escândalo Pizzagate.....	16
Figura 2.2.2.1 - Estimativas de pessoas afetadas pelo escândalo Facebook.....	17
Figura 2.2.3.1 - Postagem de Alberto Fraga sobre Marielle.....	18
Figura 2.2.4.1 - Participação do então candidato Jair Bolsonaro no Jornal Nacional.....	19
Figura 2.2.5.1 - <i>Fake news</i> circularam acusando ser falsa a facada em Bolsonaro.....	20
Figura 2.2.6.1 - Caso Fabiane de Jesus.....	21
Gráfico 5.1.1 - Qual a sua idade?.....	27
Gráfico 5.1.2 - Qual das alternativas abaixo melhor define sua identidade de gênero?.....	28
Gráfico 5.1.3 - Qual seu grau de instrução?.....	28
Gráfico 5.1.4 - Em qual(is) nível(is) de ensino você atua?.....	29
Gráfico 5.1.5 - Há quanto tempo você exerce ou exerceu a função de professor?.....	29
Gráfico 5.1.6 - Qual é a sua área de atuação?.....	30
Gráfico 5.1.7 - Em qual tipo de instituição de ensino você atua?.....	30
Gráfico 5.1.8 - Quais são os principais meios que você usa para se informar diariamente? ...	31
Gráfico 5.1.9 - Com que frequência você acessa as mídias digitais (redes sociais e sites)?....	31
Gráfico 5.1.10 - Grau de confiabilidade dos meios de comunicação.....	32
Gráfico 5.2.1 - Você já passou adiante uma <i>Fake News</i> ?.....	33
Gráfico 5.2.2 - Você já identificou alguma <i>Fake News</i> ?.....	33
Gráfico 5.2.3 – Qual sua atitude ao perceber que compartilhou uma <i>Fake News</i> ?.....	34
Gráfico 5.2.4 - Você já viu alguém compartilhando <i>Fake News</i> ?.....	34
Gráfico 5.2.5 - Você acha que espalhar <i>Fake News</i> é algo grave?.....	35
Gráfico 5.2.6 - Você já foi vítima de <i>Fake News</i> ?.....	35
Gráfico 5.2.7 - Você conhece alguma vítima de <i>Fake News</i> ?.....	36
Gráfico 5.2.8 - Você já sofreu alguma consequência por causa de <i>Fake News</i> ?.....	36
Gráfico 5.2.9 - Alguém próximo a você já sofreu consequências por causa de <i>Fake News</i> ?..	37
Gráfico 5.2.10 - Sobre figuras públicas que sofreram com <i>Fake News</i> ?.....	37
Gráfico 5.2.11 – <i>Fake News</i> podem influenciar opiniões?.....	38
Gráfico 5.2.12 - Você já utilizou alguma ferramenta para detectar <i>Fake News</i> ?.....	38
Gráfico 5.2.13 – Sobre verificar a fonte de informações.....	39
Gráfico 5.3.1 - Você já ouviu algum aluno/ex-aluno falando em <i>Fake News</i> ?.....	39
Gráfico 5.3.2 - Você já viu algum aluno/ex-aluno compartilhando <i>Fake News</i> ?.....	40
Gráfico 5.3.3 - Você já falou sobre <i>Fake News</i> em sala de aula?.....	40

Gráfico 5.3.4 - O tema *Fake News* deve ser trabalhado com os alunos? 41

Gráfico 5.3.5 – Sobre material para uso em aula sobre *Fake News* 41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DEM	Democratas (partido político brasileiro)
DF	Distrito Federal
EUA	Estados Unidos da América
FBI	<i>Federal Bureau of Investigation</i> (Gabinete Federal de Investigação)
PCdoB	Partido Comunista do Brasil
PSL	Partido Social Liberal
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PT	Partido dos Trabalhadores
RJ	Rio de Janeiro
SP	São Paulo
UNESCO	<i>United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization</i> (Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Justificativa	12
1.2	Objetivos	13
1.2.1	Objetivo geral.....	13
1.2.2	Objetivos específicos	13
2	AS <i>FAKE NEWS</i> E SEUS IMPACTOS NA SOCIEDADE	14
2.1	Panorama Histórico	14
2.2	Impactos sociais contemporâneos	15
2.2.1	Caso “Pizzagate”	16
2.2.2	Escândalo de dados – Facebook e Cambridge Analytica.....	17
2.2.3	Caso Marielle Franco	17
2.2.4	Caso “Kit Gay”	18
2.2.5	Facada <i>Fake</i>	20
2.2.6	O linchamento de Fabiane Maria de Jesus	21
3	<i>FAKE NEWS</i>, MÍDIAS E EDUCAÇÃO	22
3.1	Iniciativas na área de educação	22
3.2	Sites e Ferramentas de combate às <i>fake news</i>	23
4	ABORDAGEM METODOLÓGICA	25
5	DISCUSSÃO E RESULTADOS	27
5.1	Perfil dos respondentes	27
5.2	Percepção sobre <i>fake news</i>	32
5.3	Percepção sobre <i>fake news e educação</i>	39
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS	45
	APÊNDICE A - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS (QUESTIONÁRIO)	48

1 INTRODUÇÃO

Muito tem se falado em *fake news*, expressão da língua inglesa que significa notícia falsa. Elas são escritas e publicadas com a finalidade de disseminar informações que não são verdadeiras sobre grandes acontecimentos e assuntos, principalmente no que diz respeito a figuras públicas, política e economia. Com a facilidade de acesso e a rapidez da internet, as *fake news* se espalham e “viralizam”, e muitas vezes é difícil reverter a situação, pois a população já foi convencida que o que foi lido é verdade.

De acordo com a Revista *Isto É*, de maio de 2018, um estudo realizado pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) concluiu que as *fake news* se disseminam seis vezes mais rápido que notícias verdadeiras, e mostra que 70% das informações falsas têm mais chance de serem compartilhadas.

A desinformação sempre fez parte da história, e existe desde a antiguidade. Seria uma grande utopia pensar que se pode acabar com a produção de *fake news*, já que sempre existirão pessoas para criá-las, seja por interesse político, social ou simplesmente por maldade. Entretanto, é possível pensar em educar a sociedade para lidar com as notícias falsas, para que saibam identificá-las e para que compreendam a importância de não as passar adiante.

É possível que a educação seja a solução para amenizar o compartilhamento de inverdades, e para isso de fato acontecer, professores de todas as disciplinas devem assumir o papel de formadores de cidadãos com senso crítico aguçado, que desenvolvam habilidades de leitura cautelosa, que gostem de pesquisa e que saibam filtrar os materiais que leem. De acordo com Esther Wojcicki, professora e educadora norte-americana com 50 anos de experiência na área, habilidades jornalísticas são as mais poderosas do século 21, e por isso todos os alunos deveriam aprendê-las”

As informações aqui apresentadas podem motivar equipes pedagógicas a realizarem formações continuadas com o corpo docente, incentivando a criação de projetos sobre a conscientização quanto às consequências das *fake news* para a nossa sociedade.

Foram apresentados alguns *cases* sobre as consequências que as *fake news* têm trazido e ainda podem trazer para a sociedade, para motivar professores a trabalhar o assunto dentro de sala de aula, orientando os jovens a evitarem a disseminação de notícias falsas, principalmente pelas redes sociais, contribuindo para o desenvolvimento de adultos mais criteriosos e conscientes no compartilhamento de notícias e informações em geral.

1.1 Justificativa

As redes sociais têm o poder de aumentar o alcance da desinformação. Basta um clique para que uma enorme quantidade de pessoas tenha acesso a qualquer conteúdo da rede. Nossos adolescentes estão mergulhados nesse oceano de compartilhamento de conteúdo de todos os tipos, de diversas fontes. É verdade? É mentira? É uma montagem? Foi editado intencionalmente? Como eu posso saber?

O jornalista Matthew D’Ancona, em seu livro sobre pós-verdade, dedica um capítulo à revolução digital, reconhecendo sua importância para o mundo inteiro, mas fazendo um contraponto e mostrando o lado negativo.

A ascensão dessa indústria traiçoeira coincidiu com a metamorfose maciça da paisagem midiática e com a revolução digital. Na primeira década do século, a disponibilidade ao alcance de banda larga de alta velocidade transformou a internet no meio mais barato e mais rápido de publicação já inventado em algo que teria um impacto cultural, comportamental e filosófico muito mais profundo. (D’ANCONA, 2018, p.50).

O autor vê a web como um espelho da humanidade que, apesar de seus grandes feitos, trouxe à tona o pior do ser humano. Segundo ele, “junto com seus muitos méritos, também permitiu e acentuou o pior dos instintos do gênero humano, funcionando como universidade para terroristas e refúgio para trapaceiros” (2018, p. 50).

A presente pesquisa se justifica pela importância e necessidade de trabalhar na formação dos jovens as consequências de compartilhar informações falsas na internet. É um problema que vem se agravando com a facilidade de compartilhamentos on-line. Ensinar os jovens a “filtrar” as informações antes de compartilhar é fundamental para reduzir a divulgação de notícias que não são reais e causam transtornos na sociedade.

As *fake news* estão diretamente relacionadas à prática de *cyberbullying*, que tem acontecido com muita frequência nas escolas. São boatos que começam na sala de aula e acabam nas redes sociais, causando constrangimento psicossocial e afetando a aprendizagem das crianças. Muitas vezes os adolescentes publicam nas redes sociais informações sobre colegas que nem ao menos são verdadeiras, e que geralmente tem a intenção de humilhar, constranger e difamar. É comum inclusive o compartilhamento dessas informações, gerando uma rede de mentiras e muito sofrimento a quem foi difamado. Trabalhar as consequências das *fake news* com os alunos pode auxiliar na diminuição do *cyberbullying*.

No caso específico brasileiro as notícias falsas vêm sendo usadas por agentes políticos como instrumentos de manipulação da população em prol ou detrimento de leis e políticas públicas, como no caso envolvendo o kit gay que teria sido distribuído nas escolas (O GLOBO, 2018), além de terem tido papel destacado nas eleições presidenciais de 2018.

Paula Salas (2018), afirmou em artigo escrito para a Revista Nova Escola de maio de 2018, que cada vez mais especialistas estão propondo que os professores utilizem novas abordagens no trabalho com textos jornalísticos nas escolas, o que ela chama de letramento midiático, que envolve habilidades como acessar, analisar, avaliar e criar conteúdos na internet.

1.2 Objetivos

A seguir é apresentado o objetivo geral deste trabalho, bem como os objetivos específicos norteadores.

1.2.1 Objetivo geral

Este trabalho tem como objetivo principal investigar a percepção de professores no âmbito do ensino fundamental sobre os impactos que as *fake news* podem ter na educação e na sociedade em geral.

1.2.2 Objetivos específicos

Como objetivos específicos pretende-se que este projeto possa:

- a) analisar o histórico das *fake news* e como se proliferam atualmente;
- b) aplicar um questionário para obter informações sobre o que professores de adolescentes entendem sobre fake news,
- c) verificar as percepções dos docentes sobre a importância de trabalhar o tema das *fake news* nas escolas;

2 AS *FAKE NEWS* E SEUS IMPACTOS NA SOCIEDADE

A expressão *fake news* tem sua origem na língua inglesa, e significa notícia falsificada. Na era do “curte e compartilha”, as notícias são espalhadas de forma muito rápida e prática, ou seja, basta um clique para milhares de pessoas visualizarem uma informação que foi divulgada publicamente em rede social ou site de internet.

Muitas vezes as pessoas não leem a notícia toda, e compartilham somente pelo que leram na manchete. Isso é seguro? Todas as notícias são verdadeiras? “*Fake News* são notícias falsas, mas que aparentam ser verdadeiras. Não é uma piada, uma obra de ficção ou uma peça lúdica, mas sim uma mentira revestida de artifícios que lhe conferem aparência de verdade” (RAIS, 2017, online).

Apesar de o assunto parecer atual, as notícias falsas fazem parte da história da nossa sociedade há séculos. O que talvez seja mais atual é a aceitação dessas notícias e sua disseminação com a ajuda das redes sociais.

2.1 Panorama Histórico

As redes sociais intensificaram e trouxeram à tona o problema das *fake news*, mas elas existem há muito tempo, desde a antiguidade.

Na opinião do historiador americano Robert Darnton, da universidade de Harvard (ISTO É, 2018), as anedotas do cronista bizantino do século VI, Procópio de Cesareia, são os antecedentes das hoje chamadas *fake news*. Procópio escreveu um livro chamado História Secreta (*Ἀποκρύφη Ἱστορία*, no título original), repleto de histórias das quais se tem muitas dúvidas sobre a veracidade. O livro foi escrito basicamente para difamar o imperador Justiniano e sua esposa Teodora.

Os primeiros indícios de desinformação foram percebidos nos tempos dos faraós (farsas faraônicas), de acordo com o pesquisador do Instituto de Relações Internacionais e Estratégicas, François Bernard Huyghe (ISTO É, 2018). A suposta vitória das tropas de Ramsés II contra os hititas, na batalha de Qadesh, teria sido, na verdade, uma semiderrota. Segundo o pesquisador, a vitória teria sido propagandeada pelos escultores e escribas da época.

No século XVIII surgiram os libelos, considerados uma forma antiga de *fake news* pelo historiador americano Robert Zaretsky (ISTO É, 2018). Tinham como característica serem textos curtos, satíricos ou polêmicos, que misturavam o verdadeiro com o falso. Em

alguns textos chegava-se a anunciar abertamente que as informações a serem lidas poderiam ser falsas.

De um ponto de vista mais surreal, em XVII surgiram os ‘Canards’, que eram páginas populares comercializadas na França, que traziam em seu conteúdo eventos imaginários. Uma delas relatava a captura de um monstro quimérico no Chile, em 1780.

Nos Estados Unidos, no século XIX, o conceito de *hoax* surgiu na imprensa, onde jornais publicavam notícias falsas alarmantes, com a intenção de vender exemplares. Em 1874, por exemplo, o New York Herald publicou sobre uma suposta fuga de animais selvagens do zoológico do Central Park. No final da matéria estava escrito: “Evidentemente, a totalidade da história anterior é pura invenção.”

Atualmente a sociedade tem utilizado o termo *fake news*, que de acordo com o dicionário Merriam-Webster, já existe há mais de cem anos, e teria entrado para o uso geral no final do século XIX. Entretanto, tudo indica que passou a fazer sucesso em novembro de 2016, época da eleição presidencial norte-americana, quando foram espalhadas nos noticiários algumas inverdades sobre a candidata Hillary Clinton, o que pode ter prejudicado sua campanha para presidente dos Estados Unidos.

Nos dias atuais, a propagação de uma notícia falsa acontece de forma muito rápida através das redes sociais. Assim como o Brasil, outros países têm procurado criminalizar essa ação.

Muitas instituições, empresas e figuras públicas tentam combater as *fake news* escrevendo notas de esclarecimento, desmentidos, retratações, e etc., muito embora esses métodos não demonstrem a eficácia necessária para desmentir o que foi propagado. Hoje em dia, quem é vítima desse mal tem buscado a justiça para tentar reparar os danos causados, ou até mesmo para encontrar os responsáveis pelo ocorrido.

A prática da elaboração e propagação de fatos que não são verdade tem fragilizado até mesmo alguns valores da nossa sociedade, como por exemplo, colocando o cidadão brasileiro contra a Constituição Federal e o Estado Democrático de Direito (BUSSULAR, 2018).

2.2 Impactos sociais contemporâneos

A seguir serão citados alguns casos contemporâneos brasileiros e estrangeiros, nos quais as notícias falsas trouxeram prejuízos para a sociedade nos âmbitos político e social, bem como para famílias que sofreram com a disseminação de *fake news*.

2.2.1 Caso “Pizzagate”

Em matéria para a Super Interessante (2018), Carolina Canossa escreveu sobre o escândalo envolvendo o chefe da campanha de Hillary Clinton, John Podesta, foram espalhadas por todo o mundo em 2016, ano de eleições norte-americanas. Apesar de os e-mails particulares de John Podesta não revelarem nada de errado em seu conteúdo, algumas palavras que se repetiram - pizza e *cheese* (queijo) - foram associadas a códigos referentes a pornografia infantil e a uma pizzaria em Washington que o irmão de Podesta frequentava, chamada *Comet Ping Pong*, onde supostamente aconteciam abusos.

Figura 2.2.1.1 - Ilustração representa o escândalo Pizzagate



Fonte: CANOSSA (2018)

Sites importantes dos EUA começaram a espalhar a história, como Infowars, Planet Free Will e Vigilant Citizen. Nas redes sociais, a notícia ganhou fama, compartilhada inclusive por pessoas envolvidas diretamente com o concorrente da candidata Hillary Clinton, o atual presidente Donald Trump.

Investigado pelo Distrito da polícia de Colúmbia, não foi comprovada nenhuma das afirmações. Por não haver nenhuma evidência concreta, nem mesmo o *FBI* assumiu o caso.

Atualmente o *Pizzagate* é visto como um exemplo de consequência negativa a partir de uma teoria da conspiração da internet, e algumas pessoas consideram que o ocorrido prejudicou a campanha da candidata Hillary Clinton.

2.2.2 Escândalo de dados – Facebook e Cambridge Analytica

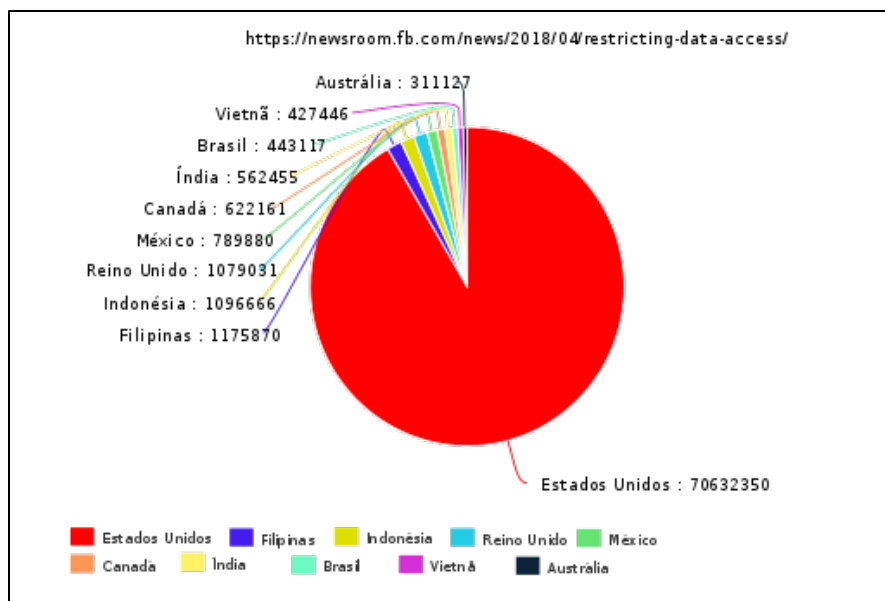
O site UOL (2018) publicou matéria sobre o escândalo revelado por um ex-funcionário da Cambridge Analytica, que denunciou o uso de testes e personalidade e curtidas no *Facebook* para coletar dados de usuários em 2014, que teriam sido utilizados para influenciar positivamente na campanha presidencial dos EUA em 2016, que elegeu o então presidente Donald Trump.

Chefe do *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*, Mark Zuckerberg, admitiu que errou, mas se colocou como vítima do vazamento de dados.

Nesse caso, não foram necessariamente espalhadas informações falsas, mas foram direcionadas notícias conforme o perfil psicológico dos usuários da rede social, a fim de influenciar o eleitor, favorecendo o atual presidente americano.

O gráfico abaixo mostra o número de pessoas afetadas pelo escândalo e seu país de origem.

Figura 2.2.2.1 - Estimativas de pessoas afetadas pelo escândalo Facebook



Fonte: ESCÂNDALO DE DADOS FACEBOOK–CAMBRIDGE ANALYTICA (2018)

2.2.3 Caso Marielle Franco

No site do UOL, Giselle Santos (2018) afirma que uma das *fake news* mais compartilhadas no Brasil em 2018, foi sobre a vereadora do PSOL-RJ, Marielle Franco, que foi assassinada no dia quatorze de março do presente ano. Criminosos dispararam tiros contra o carro onde estavam Marielle, o motorista Anderson Gomes e uma assessora de imprensa,

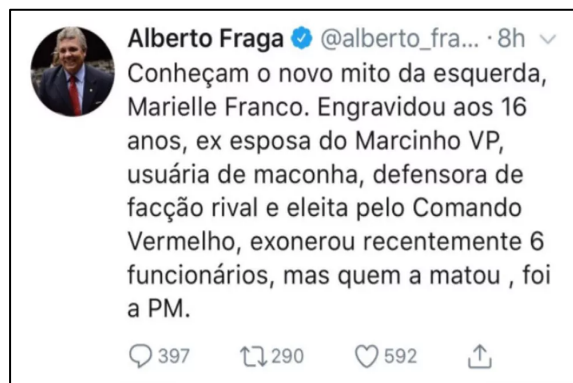
que ficou ferida. Marielle e Anderson morreram no local. A deputada era defensora de comunidades carentes e ativista dos direitos humanos.

Logo no dia seguinte ao crime, já circulavam em grupos de *Whatsapp* e nas redes sociais a então suposta ligação de Marielle com o traficante Marcinho VP e à facção Comando Vermelho. Circularam outras difamações, sem nenhuma prova, sobre a vida política e pessoal da vereadora assassinada (SANTOS, 2018).

Figuras públicas e grupos políticos estão entre os que compartilharam as informações, que causaram mais dor e sofrimento para os amigos e a família que estavam de luto pela morte da vereadora.

A onda de notícias falsas fez que com apoiadores criassem um site que desmente cinco *fake news* que foram divulgadas, e que conta a verdadeira história da trajetória da vereadora Marielle Franco.

Figura 2.2.3.1 - Postagem de Alberto Fraga sobre Marielle



Fonte: ALMEIDA (2018)

2.2.4 Caso “Kit Gay”

Em época de campanha eleitoral, o presidente recentemente eleito Jair Messias Bolsonaro (PSL) mostrou, no programa *Jornal Nacional*, o livro *Aparelho Sexual e Cia*, disse aos telespectadores que a obra fazia parte do projeto “Escola sem Homofobia” e teria sido distribuído em escolas públicas na época em que Fernando Haddad (PT), que foi candidato à presidência, comandava o Ministério da Educação. Afirmou, ainda, que o livro era uma coletânea de absurdos que estimula precocemente as crianças a se interessarem pelo sexo. No meu entender, isso é uma porta aberta para a pedofilia”, disse o candidato.

Figura 2.2.4.1 - Participação do então candidato Jair Bolsonaro no Jornal Nacional



Fonte: Rede Globo (28 de agosto 2018)

Em nota, o MEC fez esclarecimento sobre o material:

O Ministério da Educação (MEC) informa, em nota, que não produziu e nem adquiriu ou distribuiu o livro "Aparelho Sexual e Cia", que, segundo vídeo que circula em redes sociais, seria inadequado para crianças e jovens brasileiros. O MEC afirma ainda que não há qualquer vinculação entre o ministério e o livro, já que a obra tampouco consta nos programas de distribuição de materiais didáticos levados a cabo pela pasta.

O vídeo que circula nas redes sociais sustenta que o governo distribuiu e, assim, estaria "estimulando precocemente as crianças a se interessarem por sexo".

O Ministério da Educação informa que o livro em questão é uma publicação da editora Cia das Letras e que a empresa responsável pelo título informa, em seu catálogo, que a obra já vendeu 1,5 milhão de exemplares em todo o mundo e foi publicada em 10 idiomas.

As informações equivocadas presentes no vídeo, inclusive, repetem questão que tinha sido esclarecida anos atrás. Em 2013, o Ministério da Educação já havia respondido oficialmente à imprensa que "a informação sobre a suposta recomendação é equivocada e que o livro não consta no Programa Nacional do Livro Didático/PNLD e no Programa Nacional Biblioteca da Escola/PNBE".

O ministério também disse que a revista Nova Escola, edição 279, de fevereiro de 2015, que traz a matéria "Educação sexual: Precisamos falar sobre Romeo...", uma reportagem sobre sexo, sexualidade e gênero, dirigida a professores, "não é uma publicação do MEC, e sim da Editora Abril".

"O vídeo que apresenta as obras como sendo do MEC, em nenhum momento, comprova a vinculação do Ministério aos materiais citados, justamente porque essa vinculação não existe", enfatiza a nota, divulgada, na noite desta quarta-feira (13), pelo ministério. (BRASIL, 2016).

O Ministro Carlos Horbach do TSE determinou a retirada de seis postagens no Facebook e no Youtube, nas quais Bolsonaro faz críticas ao material.

É igualmente notório o fato de que o projeto ‘Escola sem Homofobia’ não chegou a ser executado pelo Ministério da Educação, do que se conclui que não ensejou, de fato, a distribuição do material didático a ele relacionado. Assim, a difusão da informação equivocada de que o livro em questão teria sido distribuído pelo MEC gera desinformação no período eleitoral, com prejuízo ao debate político, o que recomenda a remoção dos conteúdos com tal teor. (HORBACH, 2018, p. 2).

Apesar da nota do MEC e da declaração do Ministro do TSE, a *fake news* continuou sendo compartilhada nas redes sociais e grupos de *Whatsapp* até o final do segundo turno da campanha eleitoral, e pode ter influenciado na opção de voto de muitos eleitores.

2.2.5 Facada Fake

Durante a campanha eleitoral brasileira de 2018, o candidato à presidência da república Jair Messias Bolsonaro sofreu um atentado e foi hospitalizado. Ele levou uma facada na região do tórax, fez cirurgia e ficou internado por 24 dias, conforme notícias veiculadas nos meios de comunicação. Poucas horas após o ocorrido, notícias falsas tomaram conta das redes sociais. Viralizaram, ao mesmo tempo, duas afirmações: que a facada teria sido forjada e que o atentado teria sido planejado pelo PT. De acordo com o site Boatos.org, não existe provas que sustentem nenhuma das duas afirmações.

Figura 2.2.5.1 - Fake news circularam acusando ser falsa a facada em Bolsonaro



Fonte: MATSUKI (2018)

Também circulou nas redes sociais que o episódio da facada teria sido para esconder um câncer terminal de Jair Bolsonaro, mas o médico responsável pela cirurgia e acompanhamento do presidente eleito negou que ele tenha qualquer tipo de câncer.

2.2.6 O linchamento de Fabiane Maria de Jesus

As *fake news* não causam estrago somente no meio político. De acordo com o G1 (2017), no dia cinco de maio de 2014, a dona de casa Fabiane Maria de Jesus foi linchada por populares até a morte, no bairro Guarujá, em São Paulo. Fabiane teria sido confundida com uma outra mulher, supostamente acusada de sequestrar crianças para rituais de magia negra. O boato começou em uma página do Facebook, onde havia um retrato falado que levaram os moradores a concluir que foi Fabiane. Falsos testemunhos sobre os sequestros e outras mentiras circularam na internet.

Figura 2.2.6.1 - Caso Fabiane de Jesus



Fonte: TERRA (2017)

Fabiane era casada e mãe de dois filhos. Apenas cinco pessoas foram identificadas e presas, mas não foram as únicas a participar do linchamento.

De acordo com o Terra (2014), a pedido do advogado da família da vítima, o deputado Ricardo Izar (PP-SP), apresentou um projeto de lei que está em tramitação na câmara, que prevê um endurecimento da pena para crimes de internet ou por meio de comunicação em massa. Se aprovada, a lei pode ter o nome de Fabiane. De acordo com o deputado Rubens Pereira Júnior (PCdoB-MA) “a incitação virtual atinge muitas pessoas ao mesmo tempo e é muito mais grave que a incitação de uma única pessoa” (D’AGOSTINO, 2017).

3 FAKE NEWS, MÍDIAS E EDUCAÇÃO

Por serem mais ativos nas redes sociais, os adolescentes e os jovens estão mais vulneráveis ao compartilhamento de notícias falsas.

De acordo com uma reportagem da revista Neo Mundo (GERAÇÃO Z, 2018), dados apurados pela empresa especializada em segurança e soluções digitais, a DNPontocom, apontam que jovens entre 1990 e 2010 são os mais inclinados a compartilhar *fake news*. A pesquisa concluiu que sete a cada dez adolescentes leem somente o título das informações, quatro em cada dez compartilham, sem verificar a procedência, opiniões de pessoas nas quais confiam, e três, a cada dez jovens, são influenciados por opiniões de familiares.

É com esse público que há a necessidade de trabalhar de maneira concreta sobre *fake news*, de forma contínua, persistente e com metodologia adequada.

3.1 Iniciativas na área de educação

Já existem muitas iniciativas no combate às *fake news*, dentro e fora do país. A UNESCO (2018), por exemplo, elaborou um manual chamado *Journalism, fake news & Disinformation* (Jornalismo, Notícias Falsas e Desinformação), escrito por especialistas que estão na luta contra a desinformação. Um dos objetivos do material é refletir sobre como a tecnologia digital e as redes sociais podem causar distúrbios de informação. A ideia do material é combater as notícias falsas pela alfabetização midiática e informacional.

A agência ANSA fez uma matéria para a IstoÉ (2018), sobre o trabalho da professora Esther Wojcicki que leciona no Palo Alto High School Media Arts Center, um centro de estudos que não utiliza o modelo tradicional de ensino. No colégio de ensino médio, os adolescentes sentam em forma de círculo, debatem ideias e têm a liberdade de produzir materiais sozinhos. A professora testou esse modelo de ensino em casa, com as próprias filhas quando eram pequenas, e teve sucesso na formação das filhas que hoje têm posições de destaque no mercado de trabalho. Uma dela é diretora executiva do YouTube. Esther trabalha com a ideia de que as crianças devem ser incentivadas desde pequenas a serem autônomas, e afirma que "quando as crianças são 'donas' do próprio conhecimento, elas dão mais valor e aprendem melhor". A educadora norte-americana incentiva os jovens a pensarem de forma crítica, a serem criativos e colaborativos, além de ensinar a buscar dados e fontes de forma correta.

O RFI (2018) publicou matéria sobre uma iniciativa na França: o canal France 4

lançou um programa de televisão chamado *Escape News*, que tem como objetivo auxiliar jovens a decifrar e entender informações falsas que circulam no mundo virtual. A atração tem formato de jogo, para atrair mais ainda os adolescentes.

No Brasil também há algumas iniciativas. Em reportagem de agosto de 2018 do jornal O Globo, a jornalista Paula Ferreira (2018) escreveu uma matéria sobre instituições de educação estarem investindo em atividades que preparam os estudantes para o uso responsável da internet, e orientam sobre o compartilhamento de conteúdos duvidosos. Um exemplo é o CEU Casa Blanca, escola pública localizada na periferia de São Paulo. A escola tem, desde 2012, um projeto chamado Rádio Escola/ Imprensa Jovem, que tem como objetivo a produção de conteúdos midiáticos. As *fake news* ganharam espaço no projeto, e com isso, estudantes de 4º a 9 ano aprendem a olhar a data dos textos na internet, quem os assina e etc., para que eles possam questionar a veracidade do conteúdo lido. Já no Colégio Rio Branco, que também fica em São Paulo, o tema eleições foi aproveitado na criação do projeto “Construindo opiniões”, no qual os alunos tiveram a oportunidade de debater sobre as notícias falsas nas campanhas eleitorais, e realizaram uma apresentação sobre o assunto, publicou a jornalista.

O tema “Educação: antídoto contra as *fake news*?” (FERREIRA, 2018) foi discutido durante o congresso Educação 360, que aconteceu nos dias 24 e 25 de setembro de 2018, no Museu do Amanhã e no Museu de Arte do Rio de Janeiro, organizado pelos jornais O Globo e Extra.

A GaúchaZH (2018) publicou que no dia 14 de novembro do presente ano, no estado do Rio Grande do Sul, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente Vargas, do município de Campo Bom, recebeu o prêmio RBS de Educação na categoria escola pública. O trabalho vencedor, criado pela professora Ana Aline Gomes, se chama *fake news x True News: qual o seu lado na internet?* O projeto teve como objetivo conscientizar e capacitar a comunidade escolar a identificar notícias falsas.

3.2 Sites e Ferramentas de combate às *fake news*

Já estão disponíveis vários sites e ferramentas online que auxiliam os internautas a identificarem notícias falsas: Boatos.org (BOATOS.ORG, online), E-Farsas (E-FARSAS, online), Truco (TRUCO, online), Lupa (LUPA, online), Aos Fatos (AOS FATOS, online), *Fake Check* (FAKE CHECK, online), *Tineye* (TINEYE, online), pesquisa reversa do *Google* (clique com o botão direito do *mouse* em cima da imagem e pesquisar a imagem no *Google*)

etc. O próprio *Facebook*, que é uma das redes sociais mais utilizadas para a disseminação de boatos, criou uma ferramenta para contribuir com o combate às *fake news*, por meio de denúncias de usuários (CIRIACO, 2018, online). De acordo com a Tecmundo, a parceria foi realizada com as agências de verificação de fatos Aos Fatos e Agência Lupa, que farão a análise dos fatos denunciados pelos usuários. A melhor parte dessa parceria é que, quando for confirmada a falsidade de uma notícia, ela terá sua distribuição diminuída de maneira considerável no *Feed* de quem participa da rede social.

Em março de 2018, o consultor em segurança digital, Daniel Nascimento apresentou no senado o projeto denominado *fake news Autentica*, que visa ajudar no combate a disseminação de notícias falsas e sensacionalistas na internet. Segundo ele, o projeto é um portal composto por jornalistas e analistas que investigam notícias publicadas na internet e buscam validar a veracidade das informações, criando *trending topics* no portal. Esses profissionais seriam auxiliados por *bots*, robôs que fazem a leitura e captam informações. A ideia do projeto é a seguinte: ao utilizar a *hashtag* #fakenewsautentica, o internauta autoriza o rastreamento pelo robô dessa matéria e a validação de sua veracidade pelo portal. Além disso, há um trabalho de inteligência artificial, que recolhe dados dos focos de onde estão sendo disseminadas as *fake news*, ajudando a identificar os responsáveis pelo crime.

É muito importante que os professores apresentem esses sites e ferramentas para os alunos, orientando que eles devem ser utilizados sempre como forma de verificação de informações.

Muitos projetos podem ser desenvolvidos com base nessas ferramentas. Uma ideia é levar os alunos para o laboratório de informática, separá-los em equipe e fazer jogos, como por exemplo, lançar informações e pedir que eles utilizem ferramentas de checagem online para detectar se são falsas ou verdadeiras. Quem descobrir no menor tempo possível, pontua no jogo. É interessante utilizar notícias ou informações bem comprometedoras, para trabalhar com os alunos as consequências de uma informação falsa.

4 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A presente pesquisa é de natureza aplicada, visto que objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos e envolve verdades e interesses locais (GERHARDT e SILVEIRA, 2009). Para qualificar esta pesquisa foi realizada a aplicação de um questionário, com o objetivo de analisar os interesses e ideias de um grupo específico de pessoas, que são o público-alvo que esse estudo pretende atingir.

A abordagem desse estudo tem caráter quantitativo. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros (FONSECA, 2002). Entretanto, ela conta com algumas análises qualitativas, pois apresenta a produção de informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações.

Em relação aos objetivos, a presente pesquisa pode ser classificada como descritiva, por exigir do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987).

Para a realização deste estudo foram adotados procedimentos característicos da pesquisa bibliográfica, que é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meio de escritos eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites (FONSECA, 2002). Ela também apresenta caráter documental, visto que conta com material de jornais e revistas. Também pode ser caracterizada como pesquisa de levantamento, pois foi possível ter o conhecimento direto da realidade, economia e rapidez, e obtenção de dados agrupados em tabelas que possibilitam uma riqueza na análise estatística. (GERHARDT e SILVEIRA, 2009). Os estudos descritivos são os que mais se adéquam aos levantamentos. Exemplos são os estudos de opiniões e atitudes (GIL, 1994), que vem de encontro com a proposta do questionário que foi aplicado para professores. Por fim, este estudo pode ser caracterizado ainda como *survey*, pois buscou informação diretamente com um grupo de interesse a respeito dos dados que se deseja obter. Trata-se de um procedimento útil, especialmente em pesquisas exploratórias e descritivas (SANTOS, 1999).

O instrumento de coleta utilizado para captar as informações para esta pesquisa foi um questionário, elaborado no Google Forms, ferramenta disponibilizada gratuitamente na internet, e enviado via e-mail e *WhatsApp* para docentes. Ele ficou disponível durante sete dias para respostas, e foi respondido somente por professores brasileiros, que receberam o link

via aplicativo de mensagens e tiveram disponibilidade e interesse em participar. O instrumento foi escolhido pela facilidade de elaboração e também pela praticidade que ele oferece a quem vai responder, e teve como propósito conhecer o perfil, a vivência e a opinião do público-alvo sobre as *fake news* na educação de forma objetiva.

O questionário foi dividido em três partes: perfil do respondente, conhecimento sobre *fake news* e *fake news* e educação. As questões sobre perfil foram formuladas de maneira que fosse possível conhecer o professor respondente em termos de idade, gênero, grau de instrução, área e nível de atuação, tempo de profissão, tipo de instituição onde atua e meios pelos quais costuma se informar. Na sessão sobre *fake news*, as questões foram elaboradas com o intuito de verificar o quanto os professores sabem sobre as *fake news* e seus impactos na sociedade, e também perceber se eles estão acompanhando os transtornos que elas têm gerado. Em *fake news* e educação, as questões foram criadas para descobrir se o tema já está sendo discutido em sala de aula, e captar algumas ideias de estratégias para a abordagem do tema com os alunos.

5 DISCUSSÃO E RESULTADOS

O questionário recebeu cinquenta respostas. Entretanto, duas pessoas não autorizaram os dados para análise. Por isso, a análise foi realizada com base em 48 respostas de professores. De um modo geral, a análise foi realizada de maneira quantitativa, com base nos gráficos. Ao mesmo tempo, em função de duas questões que exigiam uma resposta escrita, pode-se dizer que existe um grau de análise qualitativa em relação aos comentários realizados.

5.1 Perfil dos respondentes

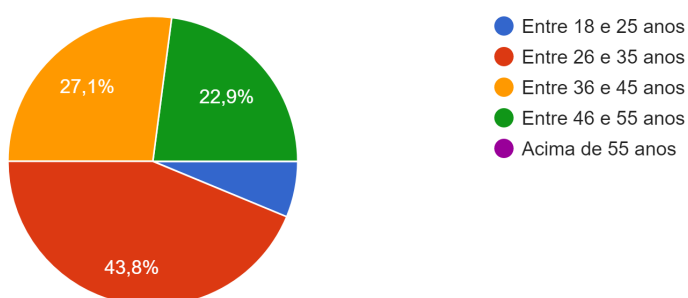
Inicialmente foram realizadas perguntas referentes ao perfil do respondente, visto que é importante saber quem são os professores que tiveram interesse em responder o questionário de que maneira costumam se informar, para verificar o quanto estão expostos às *fake news*.

O questionário foi enviado principalmente via grupos de *WhatsApp* e foi respondido de forma *online*. Com isso, é possível inferir que os professores jovens estão inseridos de forma mais significativa no mundo virtual, e estão mais abertos ao uso de ferramentas digitais. O gráfico a seguir revela que a maioria dos professores que responderam a pesquisa são jovens, visto que 43,8% têm entre 26 e 35 anos.

Gráfico 5.1.1 - Qual a sua idade?

Qual a sua idade?

48 respostas



Fonte: Elaboração da autora, gerado pelo *Google Forms* em novembro de 2018.

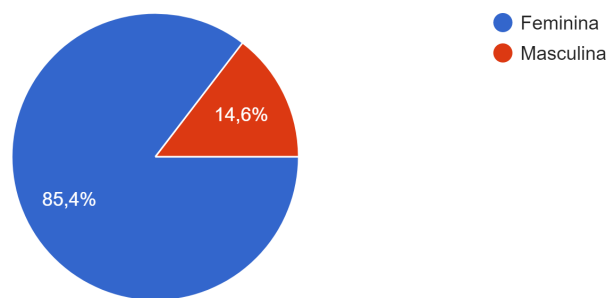
Conforme foi mencionado na justificativa deste trabalho, passa-se por uma revolução digital, e a maioria dos respondentes do questionário nasceu nessa época, que corresponde de meados da década de 80 até o começo dos anos 2000, e são conhecidos como geração Y ou

millennials. É possível afirmar que essa geração cresceu em um período de grandes avanços tecnológicos, e presenciou uma das revoluções mais importantes da história da humanidade: a internet. Já o gráfico apresentado a seguir apenas reforça um dado que já é conhecido de forma geral pela sociedade: o quadro do magistério é composto majoritariamente por mulheres.

Gráfico 5.1.2 - Qual das alternativas abaixo melhor define sua identidade de gênero?

Qual das alternativas abaixo melhor define sua identidade de gênero?

48 respostas



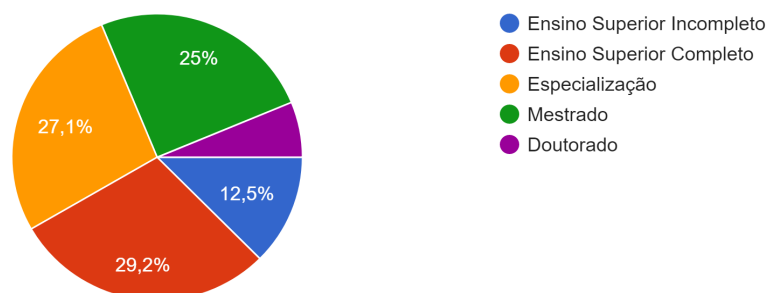
Fonte: Elaboração da autora, gerado pelo *Google Forms* em novembro de 2018.

O grau de instrução dos respondentes da pesquisa foi variado, mas a maioria possui pelo menos o ensino superior completo, o que geralmente é exigido para atuar no cargo. Algumas instituições como cursos de línguas e escolas estaduais permitem que o professor ainda esteja em formação. Isso explica o fato de 12,5% ainda não terem completado o ensino superior.

Gráfico 5.1.3 - Qual seu grau de instrução?

Qual é o seu grau de instrução?

48 respostas



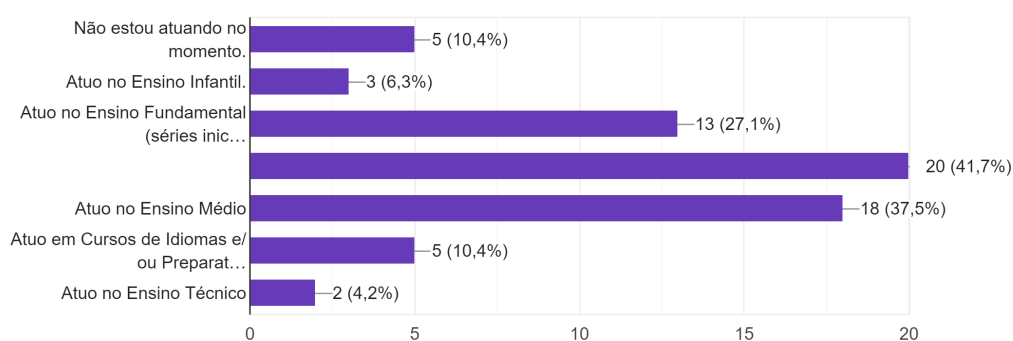
Fonte: Elaboração da autora, gerado pelo *Google Forms* em novembro de 2018.

É interessante perceber que a maioria dos profissionais que responderam o questionário são os que atuam nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio (38 do total de 48 respostas). Provavelmente é onde começa a aparecer com mais frequência os comentários sobre *fake news*, pois são os alunos que estão mais vulneráveis ao seu compartilhamento, por serem muito ativos nas redes sociais, conforme já foi mencionado no capítulo três do presente estudo. É positiva a constatação de que a grande maioria dos docentes que tiveram interesse em responder o questionário trabalha com essa faixa etária.

Gráfico 5.1.2 - Em qual(is) nível(is) de ensino você atua?

Em qual(is) nível(is) de ensino você atua?

48 respostas



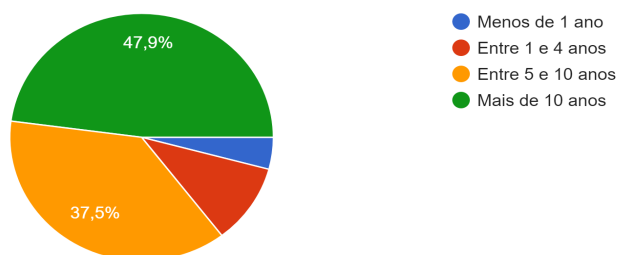
Fonte: Elaboração da autora, gerado pelo Google Forms em novembro de 2018.

O gráfico a seguir aponta que a maioria dos professores que responderam a pesquisa tem mais de dez anos de experiência na área da educação (47,9%), e vários deles (37,5%) têm entre cinco e dez anos. Esses dados mostram que um grupo experiente de profissionais respondeu o questionário.

Gráfico 5.1.3 - Há quanto tempo você exerce ou exerceu a função de professor?

Há quanto tempo você exerce ou exerceu a função de professor?

48 respostas



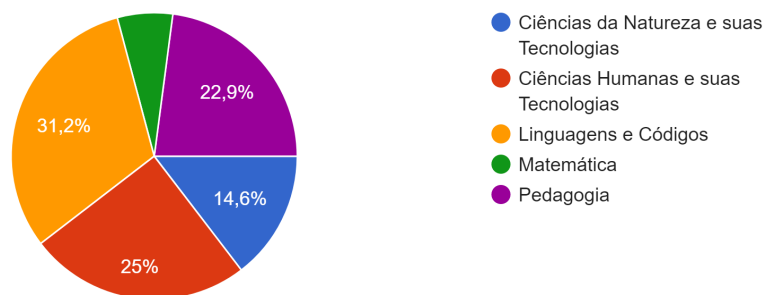
Fonte: Elaboração da autora, gerado pelo Google Forms em novembro de 2018.

Como já era esperado, pelo tema que foi proposto neste trabalho, a maioria dos docentes que se interessaram em responder a pesquisa são das áreas linguagens e códigos e ciências humanas, provavelmente as aulas nas quais mais surgem as polêmicas sobre *fake news*, em função dos conteúdos que são trabalhados e dos textos de apoio utilizados, tais como notícias, charges e imagens.

Gráfico 5.1.4 - Qual é a sua área de atuação?

Qual é a sua área de atuação?

48 respostas



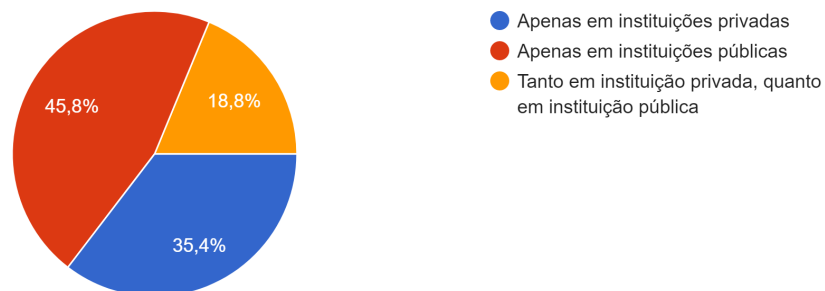
Fonte: Elaboração da autora, gerado pelo Google *Forms* em novembro de 2018.

A maior parcela dos professores que respondeu o questionário trabalha somente em instituições públicas (45,8%), e grande quantidade atua apenas em instituições privadas (35,4%), sendo que 18,8% atua em ambos. O dado, embora possivelmente relevante, não será alvo de análise aprofundada no presente trabalho, mas possivelmente é reflexo da quantidade de instituições públicas existentes, que são em maior número que as privadas.

Gráfico 5.1.5 - Em qual tipo de instituição de ensino você atua?

Em qual tipo de instituição de ensino você atua?

48 respostas



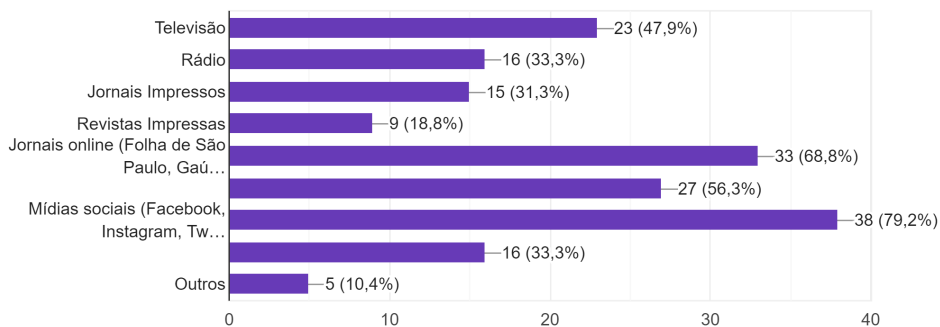
Fonte: Elaboração da autora, gerado pelo Google *Forms* em novembro de 2018.

Conforme mostra o gráfico abaixo, a grande maioria dos profissionais participantes utiliza as mídias sociais para se informar diariamente. Como já foi mencionado anteriormente nesta pesquisa, as notícias falsas atingem grande proporção justamente através das redes sociais e aplicativos de comunicação. Com esses dados, infere-se que os próprios professores estão potencialmente expostos à recepção de desinformação: 79,2% disseram usar as redes sociais para se informar e 33,3% disseram utilizar aplicativos de comunicação, como o *WhatsApp*.

Gráfico 5.1.6 - Quais são os principais meios que você usa para se informar diariamente?

Quais são os principais meios que você usa para se informar diariamente?

48 respostas



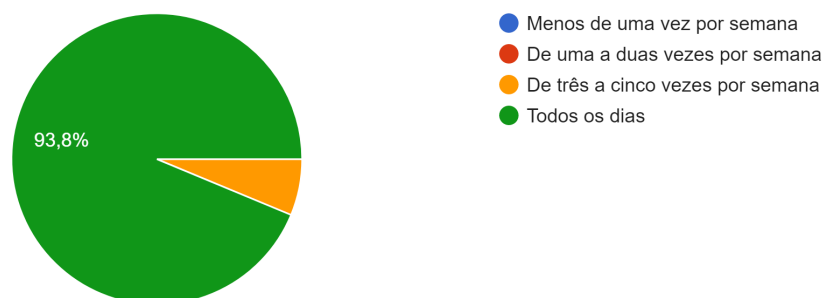
Fonte: Elaboração da autora, gerado pelo Google *Forms* em novembro de 2018.

A informação seguinte, que já era esperada, indica que quase a totalidade dos respondentes acessa mídias digitais (redes sociais e sites) todos os dias, o que corrobora conclusões anteriores da excessiva exposição dos professores às *fake news*.

Gráfico 5.1.7 - Com que frequência você acessa as mídias digitais (redes sociais e sites)?

Com que frequência você acessa mídias digitais (redes sociais e sites)?

48 respostas



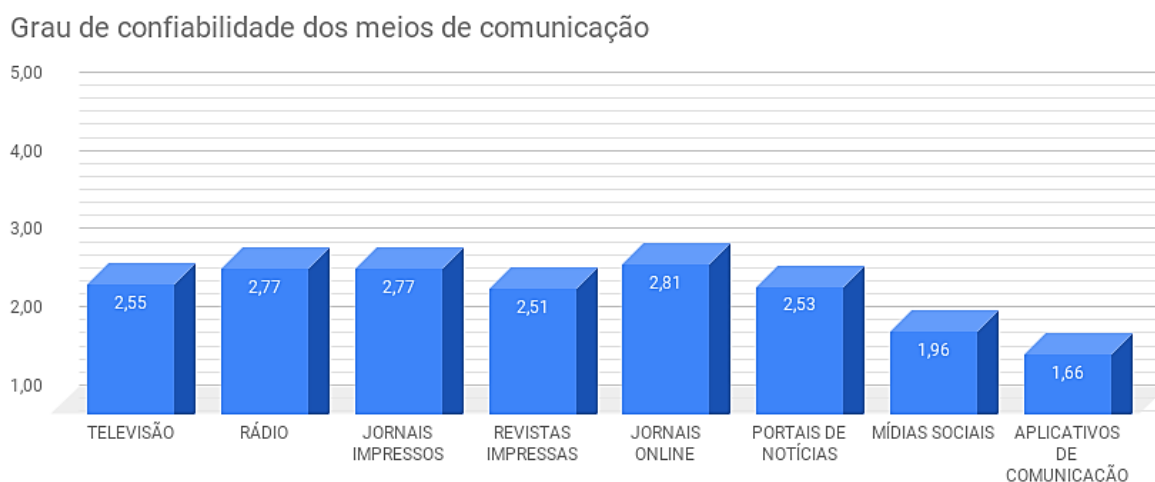
Fonte: Elaboração da autora, gerado pelo Google *Forms* em novembro de 2018.

Para finalizar as respostas sobre o perfil dos participantes, foi feita uma análise com base no grau de confiança nas informações divulgadas pelos principais meios de comunicação. Apesar das várias constatações que podem ser feitas a partir dos gráficos abaixo, serão enfatizadas observações acerca de mídias online, tendo em vista o escopo do trabalho.

Na horizontal, estão relacionados os diferentes tipos de mídia, e na vertical, o grau de confiabilidade atribuído a cada um deles pela média dos respondentes. Os professores tiveram que escolher o grau de confiança que eles têm em cada mídia apresentada, sendo que o valor um indica menor confiança e o valor cinco maior confiança.

É interessante observar que, apesar dos docentes utilizarem amplamente as redes sociais para se informar - conforme dado apresentado no gráfico 14 -, eles não confiam nesse meio de comunicação, e a credibilidade dos aplicativos de comunicação é ainda mais baixa. (*WhatsApp, Messenger, Hangouts*). Entre as mídias *online*, jornais e portais de notícias, vinculados às mídias tradicionais, foram considerados mais confiáveis.

Gráfico 5.1.8 - Grau de confiabilidade dos meios de comunicação



Fonte: Elaboração da autora, gerado pelo Google *Forms* em novembro de 2018.

5.2 Percepção sobre *fake news*

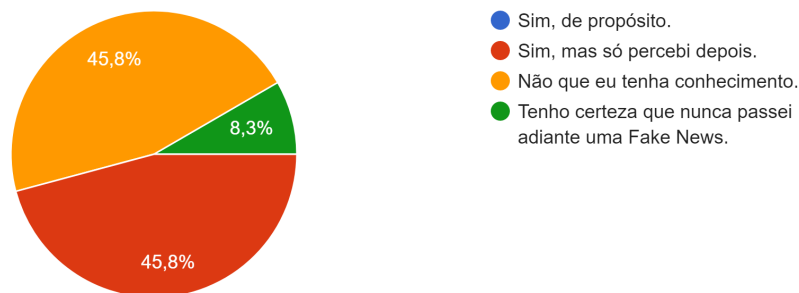
Na sessão sobre *fake news*, os respondentes demonstraram compreender do que se trata o assunto, alguns com mais detalhes, mas nenhum participante demonstrou não entender o conceito. Dos quarenta e oito professores que responderam, apenas quatro afirmam ter certeza que nunca passaram adiante uma *fake news*. Os números são iguais entre aqueles que já passaram uma *fake news* adiante e os que não têm conhecimento de terem feito isso.

Mais preocupante do que passar adiante uma notícia falsa e perceber depois, é não ter certeza de tê-lo feito, pois isso indica incapacidade ou desinteresse na verificação da veracidade de informações.

Gráfico 5.2.1 - Você já passou adiante uma *Fake News*?

Você já passou adiante uma Fake News?

48 respostas



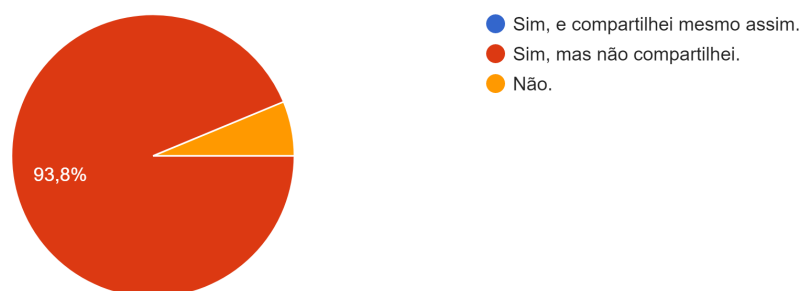
Fonte: Elaboração da autora, gerado pelo Google *Forms* em novembro de 2018.

O gráfico abaixo mostra que a grande maioria dos respondentes já identificou uma *fake news*, mas não fez o compartilhamento na rede, o que possivelmente indica que professores sabem das consequências da desinformação.

Gráfico 5.2.2 - Você já identificou alguma *Fake News*?

Você já identificou alguma Fake News?

48 respostas



Fonte: Elaboração da autora, gerado pelo Google *Forms* em novembro de 2018.

A pergunta a seguir não era obrigatória, e dos 48 participantes do questionário, 36 responderam. O gráfico revela um dado preocupante: dos 36 professores que responderam, seis já compartilharam uma notícia falsa, perceberam depois e deixaram como estava. A maioria (47,2%) apagou, e 36,1% fez melhor que isso - apagou e fez um *post* avisando que

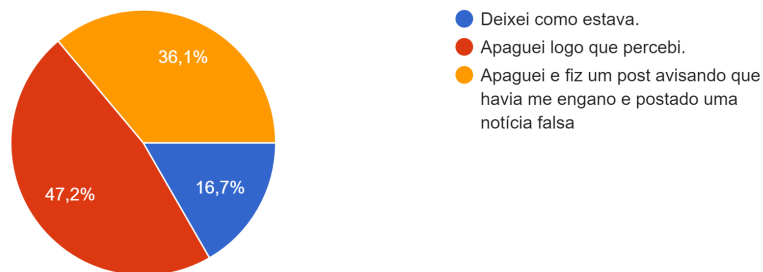
havia se enganado e postado uma notícia falsa.

Apesar de somente 16,7% terem afirmado que já compartilharam uma notícia falsa e deixaram como estava, o número é preocupante por se tratar de um grupo de professores. É importante salientar o papel dos professores como referência de conhecimento de informações, profissionais nos quais a sociedade deposita um certo grau de confiança.

Gráfico 5.2.3 – Qual sua atitude ao perceber que compartilhou uma *Fake News*?

Se você compartilhou uma Fake News e só percebeu depois, qual foi sua atitude?

36 respostas



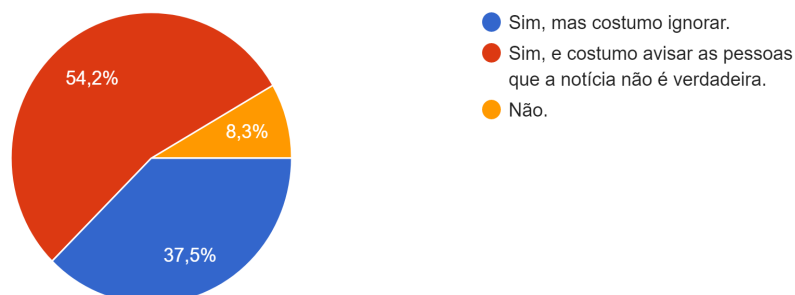
Fonte: Elaboração da autora, gerado pelo Google *Forms* em novembro de 2018.

A maioria dos profissionais da educação que respondeu o questionário afirmou que costuma avisar as pessoas quando percebe que elas compartilharam uma notícia falsa, o que é muito positivo e para reduzir cada vez mais a desinformação. Uma parcela considerável costuma ignorar (37,5%), e uma hipótese para isso é o constrangimento em avisar sobre o ocorrido, para evitar irritar ou perturbar o outro.

Gráfico 5.2.4 - Você já viu alguém compartilhando *Fake News*?

Você já viu alguém compartilhando Fake News?

48 respostas



Fonte: Elaboração da autora, gerado pelo Google *Forms* em novembro de 2018.

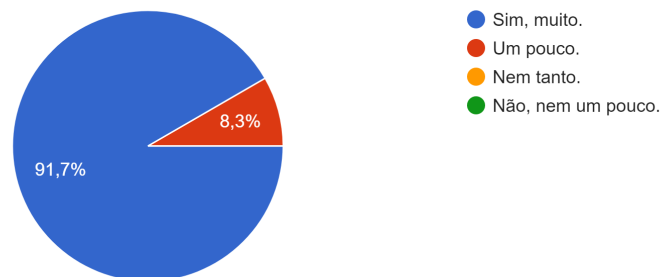
A maioria dos docentes considera muito grave espalhar uma notícia falsa. Pode-se dizer que se é grave, eles podem auxiliar os alunos a não cometer essa falha, o que vem de encontro com a proposta deste trabalho de pesquisa.

O que chama a atenção é que, o gráfico 18 apontou que seis professores já deixaram na rede uma notícia falsa que perceberam ter compartilhado. Isso não condiz com a opinião de que é muito grave compartilhar uma *fake news*. Mesmo considerando muito grave ou um pouco grave, uma parcela dos respondentes já fez o repasse de notícias falsas sem excluir ou retificar. Uma hipótese é que a informação tenha sido passada via aplicativo de conversa, e a pessoa se sentiu constrangida em assumir o erro.

Gráfico 5.2.5 - Você acha que espalhar *Fake News* é algo grave?

Você acha que espalhar Fake News é algo grave?

48 respostas



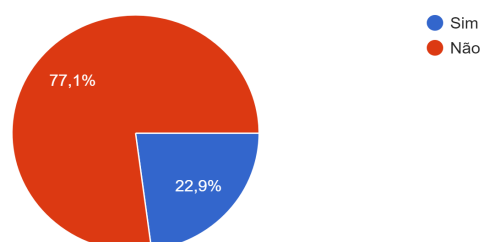
Fonte: Elaboração da autora, gerado pelo Google *Forms* em novembro de 2018.

O gráfico abaixo mostra que alguns professores já foram vítimas de *fake news*, ou seja, alguém espalhou alguma informação que não era verdadeira a respeito deles. Se possível, podem ser utilizados relatos de experiência pessoal do professor em sala de aula, o que geralmente chama bastante atenção dos alunos.

Gráfico 5.2.6 - Você já foi vítima de *Fake News*?

Você já foi vítima de Fake News (Por exemplo, já inventaram uma notícia falsa em que você estava envolvido, tanto off-line, quanto online)?

48 respostas



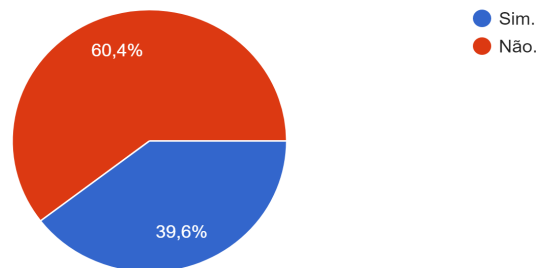
Fonte: Elaboração da autora, gerado pelo Google *Forms* em novembro de 2018.

O gráfico abaixo mostra que 39,6% dos professores conhecem alguém que já foi vítima de *fake news*, o que também pode ser utilizado como relato em sala de aula, da mesma forma que foi citado na análise do gráfico anterior. Percebe-se que houve um aumento de respostas positivas em relação à pergunta anterior, ou seja, alguns professores não foram vítimas de notícias falsas, mas conhecem alguém que passou por isso.

Gráfico 5.2.7 - Você conhece alguma vítima de *Fake News*?

Você tem alguém próximo que já foi vítima de Fake News (Por exemplo, já inventaram uma notícia falsa sobre...hece, tanto off-line, quanto online)?

48 respostas



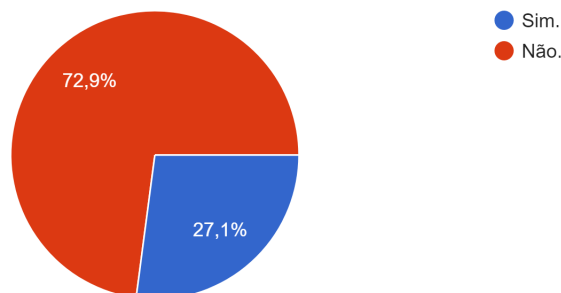
Fonte: Elaboração da autora, gerado pelo Google *Forms* em novembro de 2018.

A maior parte dos professores responderam que nunca sofreram consequências por causa de *fake news*, mas 27,1% consideram que sim. É curioso perceber que no gráfico 5-17, 37 pessoas disseram que nunca foram vítimas de *fake news*, mas 35 consideram que não sofreram consequências. Isso indica que mesmo que a *fake news* não envolva a pessoa diretamente, pode trazer consequências.

Gráfico 5.2.8 - Você já sofreu alguma consequência por causa de *Fake News*?

Você já sofreu alguma consequência por causa de Fake News?

48 respostas



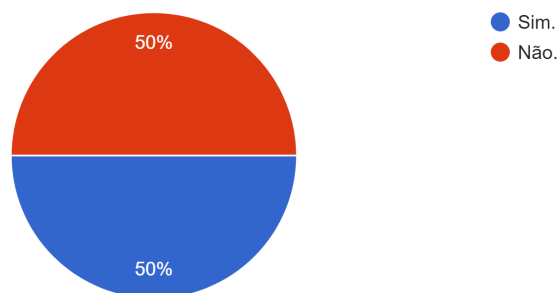
Fonte: Elaboração da autora, gerado pelo Google *Forms* em novembro de 2018.

O gráfico abaixo está equilibrado: metade dos respondentes conhecem pessoas que já sofreram com notícias falsas. Os relatos sobre essas pessoas conhecidas podem gerar uma boa conversa sobre o assunto em sala de aula.

Gráfico 5.2.9 - Alguém próximo a você já sofreu consequências por causa de *Fake News*?

Alguém próximo a você já sofreu consequências por causa de Fake News?

48 respostas



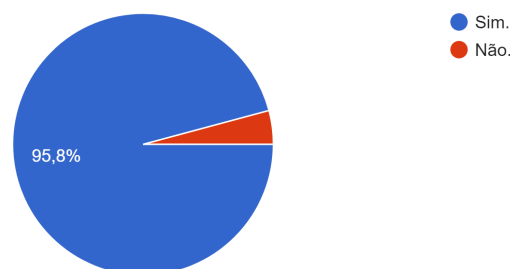
Fonte: Elaboração da autora, gerado pelo Google *Forms* em novembro de 2018.

Quase a totalidade dos respondentes já ouviu falar de alguma figura pública que sofreu consequências por causa de *fake news*. No item 2.2 deste trabalho foram apresentados alguns casos envolvendo figuras públicas que ficaram bem conhecidos.

Gráfico 5.2.10 - Sobre figuras públicas que sofreram com *Fake News*?

Você já ouviu falar de alguma figura pública que sofreu consequências por causa de Fake News?

48 respostas



Fonte: Elaboração da autora, gerado pelo Google *Forms* em novembro de 2018.

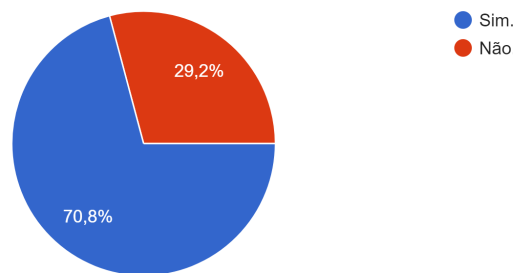
Mais um motivo para trabalhar o tema em sala de aula: 70,8% dos professores respondentes acreditam que as pessoas podem tomar decisões importantes baseadas em notícias falsas. Um exemplo disso aconteceu recentemente, no último pleito eleitoral. Voto é uma decisão importante, e as *fake news* ganharam destaque nas eleições de 2018 no Brasil.

Quantas pessoas podem ter decidido seu voto acreditando em uma informação falsa que foi publicada sobre determinado candidato?

Gráfico 5.2.11 – *Fake News* podem influenciar opiniões?

Você acha que as pessoas podem tomar decisões importantes com base em Fake News?

48 respostas



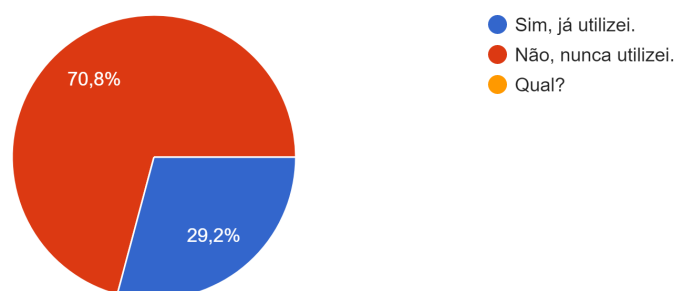
Fonte: Elaboração da autora, gerado pelo Google *Forms* em novembro de 2018.

No capítulo 3.2 do presente estudo foi citada algumas ferramentas que auxiliam a identificar *fake news*. Elas geralmente estão disponíveis e de forma gratuita na internet, e mesmo assim, 70,8% dos docentes que responderam o questionário afirmaram nunca ter utilizado alguma.

Gráfico 5.2.12 - Você já utilizou alguma ferramenta para detectar *Fake News*?

Você já utilizou alguma ferramenta para detectar Fake News?

48 respostas



Fonte: Elaboração da autora, gerado pelo Google *Forms* em novembro de 2018.

A resposta da pergunta sobre ferramentas utilizadas para detectar fake news não era obrigatória. Das 14 pessoas que disseram já ter usado, conforme dados do gráfico anterior, duas não citaram qual foi a ferramenta utilizada. A maioria disse que utiliza a busca do *Google*. Um dos respondentes citou a ferramenta de pesquisa reversa de imagens do *Google* e

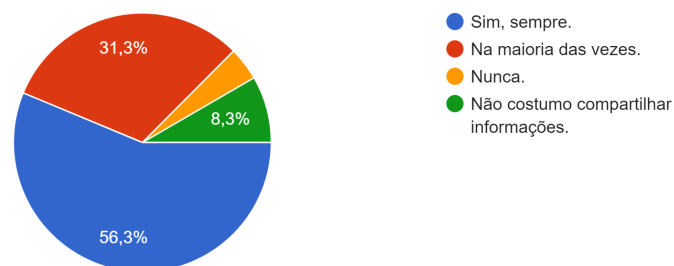
o site *Tineye*, e essa contribuição foi inserida no trabalho, no item 3.2.

Um pouco mais da metade dos respondentes afirma que costuma verificar se a fonte é confiável antes de compartilhar uma informação. Essa é uma questão importante que precisa entrar na rotina das pessoas, mas exige um pouco de pesquisa e paciência.

Gráfico 5.2.13 – Sobre verificar a fonte de informações

Você costuma verificar se a fonte é confiável antes de compartilhar alguma informação?

48 respostas



Fonte: Elaboração da autora, gerado pelo Google *Forms* em novembro de 2018.

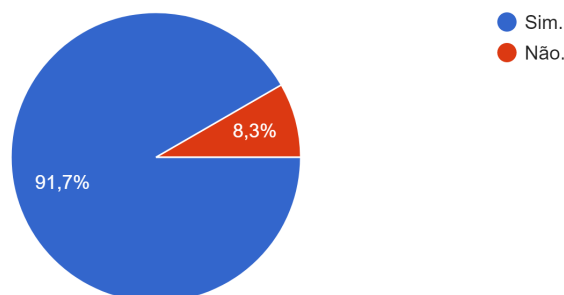
5.3 Percepção sobre *fake news* e educação

Somente quatro professores nunca ouviram algum aluno falando sobre *fake news*. É importante ressaltar que todos eles são professores da educação infantil ou das séries iniciais do ensino fundamental, que são crianças menores. Conforme já foi constatado anteriormente, o tema ganha mais importância nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio.

Gráfico 5.3.1 - Você já ouviu algum aluno/ex-aluno falando em *Fake News*?

Você já ouviu algum aluno/ ex-aluno falando em Fake News?

48 respostas



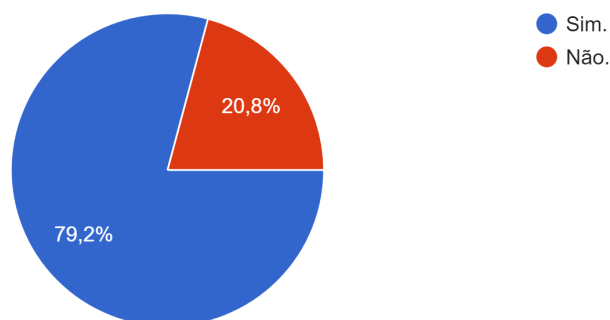
Fonte: Elaboração da autora, gerado pelo Google *Forms* em novembro de 2018.

O número diminuiu um pouco quando foi perguntado aos respondentes se eles já viram algum aluno ou ex-aluno compartilhando *fake news*, mas ainda é bem alto. Esse dado revela que os adolescentes já estão vivenciando esse mundo das notícias falsas, e é necessário que sejam realizadas intervenções.

Gráfico 5.3.2 - Você já viu algum aluno/ex-aluno compartilhando *Fake News*?

Você já viu algum aluno/ ex-aluno compartilhando Fake News?

48 respostas



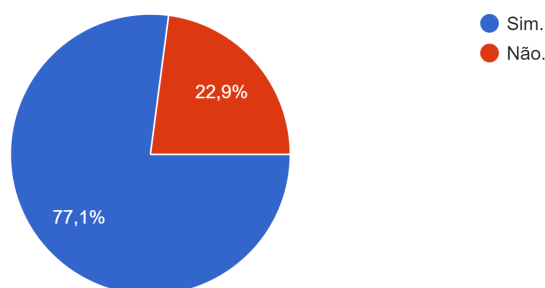
Fonte: Elaboração da autora, gerado pelo Google *Forms* em novembro de 2018.

Uma parcela considerável dos professores afirmou que já falaram sobre o assunto em sala de aula, dado esse que é muito positivo.

Gráfico 5.3.3 - Você já falou sobre *Fake News* em sala de aula?

Você já falou sobre Fake News em sala de aula?

48 respostas



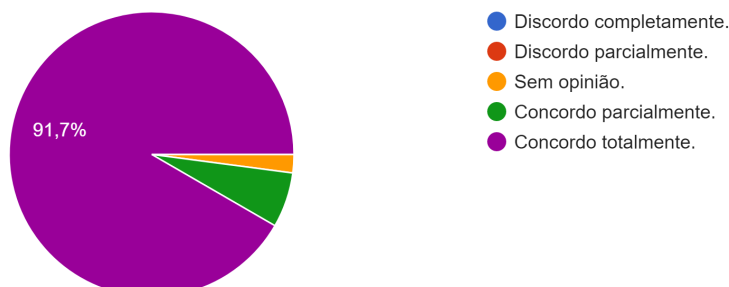
Fonte: Elaboração da autora, gerado pelo Google *Forms* em novembro de 2018.

A grande maioria dos professores concorda com a presente pesquisa e acha que as *fake news* devem ser trabalhadas com os alunos. A justificativa deste trabalho traz algumas razões que explicam a importância desse tema ser abordado nas escolas.

Gráfico 5.3.4 - O tema *Fake News* deve ser trabalhado com os alunos?

Você concorda que o tema Fake News deve ser trabalhado com os alunos?

48 respostas



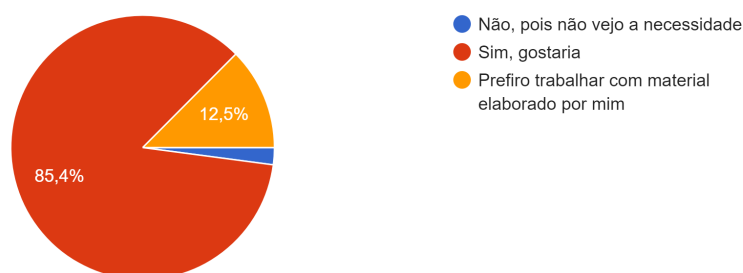
Fonte: Elaboração da autora, gerado pelo Google *Forms* em novembro de 2018.

Uma boa parcela dos docentes gostaria de ter material específico para trabalhar o tema em sala de aula, sendo que uma pequena parcela prefere elaborar seu próprio material. Apenas um respondente não vê necessidade em abordar o assunto, conforme dados do gráfico abaixo.

Gráfico 5.3.5 – Sobre material para uso em aula sobre *Fake News*

Você gostaria de ter material específico para trabalhar as Fake News em sala de aula?

48 respostas



Fonte: Elaboração da autora, gerado pelo Google *Forms* em novembro de 2018.

Na última questão sobre *fake news* e educação do instrumento de coleta, que não era obrigatória, 43 dos 48 professores citaram estratégias que podem ser utilizadas para conscientizar os alunos sobre as *fake news*. A palavra “pesquisa” foi a que mais apareceu. As principais sugestões foram: organizar debates, mostrar exemplos e consequências, ensinar os alunos a verificarem fontes seguras e a utilizarem ferramentas de validação de notícias, comparar manchetes de uma mesma notícia, trabalhar a importância das fontes científicas e seguras, estudo de casos e estimular a crítica e a curiosidade dos alunos.

A expectativa com a aplicação do questionário foi atingida: os professores estão

preocupados com a propagação de notícias falsas, e acreditam que possam ser agentes multiplicadores para diminuir essa realidade, conforme traz a análise dos dados coletados no próximo capítulo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi conduzida inicialmente pelas leituras realizadas sobre o tema. Foi necessário primeiro conhecer um pouco do histórico das *fake news*, e como elas foram tomando uma proporção tão grande e chegaram a ser um dos assuntos mais falados do ano de 2018 no país. Em seguida, foi realizado um estudo de casos que tiveram grande repercussão na mídia e os prejuízos que causaram. Entrando no enfoque na educação, foram realizadas pesquisas na internet para descobrir o que já está sendo realizado nas escolas, dentro e fora do país, como tentativa de frear esse problema. Para complementar a pesquisa bibliográfica, foi aplicado um questionário para verificar o conhecimento e as atitudes de professores frente ao problema.

A temática deste projeto é muito atual e tem uma grande importância, porque vem de encontro com um problema sério que a sociedade está enfrentando com maior intensidade nos últimos anos - a disseminação de *fake news* nas redes sociais -, e traz como proposta para amenizar a situação a formação de jovens pesquisadores, críticos, curiosos e conscientes.

Enquanto isso, o Homo sapiens deve combater a pós-verdade. Em seu livro sobre os perigos da estatística, o psicólogo Daniel Levitin insiste que a devida diligência exigida dos cidadãos atuais é parte de “uma barganha implícita que todos fizemos”. As tarefas triviais de pesquisas e recuperação de informação que costumavam consumir dias podem agora ser realizadas em segundos em um smartphone ou em um tablet. “Economizamos horas incalculáveis de deslocamentos até bibliotecas e arquivos dispersos, de busca em livros grossos de um trecho que responderá a nossa pergunta”, Levitin escreve. “A barganha implícita que todos precisamos explicitar e que usamos *algo* desse tempo que economizamos na aquisição de informação para realizar a devida verificação da informação” (D’ANCONA, 2018, p. 109).

Após a aplicação do questionário, ficou ainda mais claro que é necessário trabalhar as *fake news* na escola. Os professores, na sua grande maioria, demonstraram preocupação em relação ao tema, principalmente os que trabalham com adolescentes. A maior parte dos docentes já viu alunos falando sobre o assunto, e até mesmo compartilhando notícias falsas. Consideram que o problema é grave e que existem consequências. Conforme foi mencionado na justificativa deste trabalho, os jovens são os mais vulneráveis às notícias falsas.

Ao mesmo tempo, o questionário revelou a necessidade das instituições de ensino trabalharem o tema com os próprios professores, visto que grande parte dos respondentes já compartilhou notícias falsas sem perceber, e alguns não apagaram e nem se retrataram quando perceberam. Além disso, poucos fazem uso das ferramentas de checagem de informações. É importante que as equipes pedagógicas das escolas proporcionem formação para os

professores sobre esse tema, para que eles tenham subsídios para trabalhar com os alunos.

É de conhecimento geral que os jovens estão inseridos de forma muito ativa nas redes sociais, e o presente estudo revelou que os professores desses jovens também estão, e que apesar da falta de confiança nas informações compartilhadas na rede e aplicativos, apresentada em um dos gráficos, esses são os principais meios pelos quais eles se informam. Sendo assim, é preciso conferir as informações antes de compartilhar.

O primeiro passo é a conscientização, tanto de professores quanto de alunos, de que é urgente e necessário dedicar um tempo para verificar as informações antes de compartilhar nas redes sociais e aplicativos de comunicação. Para que isso ocorra, as escolas precisam se engajar no assunto e tratar como fundamental.

As escolas podem desenvolver projetos sobre a temática, apresentação das ferramentas de checagem de informação, no laboratório de informática, através de jogos, debates sobre as consequências das notícias falsas e os prejuízos que elas podem trazer para uma pessoa ou até mesmo para a sociedade no geral, estudo de casos de pessoas públicas que repercutiram na mídia. Algumas ações já estão sendo realizadas, mas ainda em pequena quantidade.

O assunto *cyberbullying* pode ser vinculado com a temática das *fake news*, abrindo espaço para uma parceria com o Serviço de Orientação Educacional (SOE) para o desenvolvimento de projetos sobre a temática, conscientizando os alunos sobre o bom uso do espaço virtual.

A autora deste trabalho, que também é professora, preocupada com a temática, acredita que os profissionais da educação podem ser os agentes transformadores dessa realidade, educando jovens para a pesquisa, para a visão crítica e uso do espaço virtual como ferramenta de acesso à informação de boa qualidade e fonte segura.

A realização deste estudo agregou mais conhecimento para a autora trabalhar as mídias digitais em sala de aula, com foco na verificação de informações e fontes de pesquisa, bem como incentivar colegas a utilizarem com mais frequência recursos digitais nas suas aulas.

REFERÊNCIAS

- AFP. **História das ‘fake news’ antes da era Trump**. Isto É, [S.l.], jul. 2018. Disponível em: <<https://istoe.com.br/historia-das-fake-news-antes-da-era-trump/>>. Acesso em: 16 set. 2018.
- ALMEIDA, M.V.; BTR, C. **Ataque à imagem de Marielle Franco revela a lógica das Fake News**. Revista Subjetiva, [S.l.] mar. 2018. Disponível em: <<https://medium.com/revista-subjetiva/ataque-%C3%A0-imagem-de-marielle-franco-revela-a-l%C3%B3gica-das-fake-news-f9c60999f07b>>. Acesso em: 7 out. 2018.
- ANSA, Agência de notícias italiana. **Educação é chave para combater fake news, diz especialista**. Isto É, [S.l.], mai. 2018. Disponível em: <<https://istoe.com.br/educacao-e-chave-para-combater-fake-news-diz-especialista/>>. Acesso em 16 out. 2018.
- AOS FATOS. Disponível em: <<https://aosfatos.org>>. Acesso em: 14 set. 2018.
- BOATOS.ORG. Disponível em: <<https://www.boatos.org>>. Acesso em: 14 set. 2018.
- BRASIL. MEC. **MEC não distribuiu nas escolas livro de educação sexual citado em vídeo na internet: "Aparelho Sexual e Cia", publicado pela Cia. das Letras, não integra programas de distribuição de materiais didáticos para escolas públicas**. Site do MEC, [S.l.], jan. 2016. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/noticias/educacao-e-ciencia/2016/01/mec-nao-distribuiu-nas-escolas-livro-de-educacao-sexual-citado-em-video-na-internet>>. Acesso em: 15 ago. 2018.
- BUSSULAR, L.F. **O impacto das Fake News na vida em sociedade**. Jusbrasil, [S.l.], mai. 2018. Disponível em: <<https://lfbussular.jusbrasil.com.br/artigos/577903609/o-impacto-das-fake-news-na-vida-em-sociedade>>. Acesso em: 2 set. 2018.
- CANOSSA, C. **Pizzagate: o escândalo de fake news que abalou a campanha de Hillary**. Superinteressante, [S.l.], abr. 2018. Disponível em <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/pizzagate-o-escandalo-de-fake-news-que-abalou-a-campanha-de-hillary/>>. Acesso em 8 out. 2018.
- CIRIACO, D. **Facebook lança programa para combater fake news no Brasil**. Tecmundo, [S.l.], mai. 2018. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/130177-facebook-lanca-programa-combater-fake-news-brasil.htm>>. Acesso em 18 set. 2018.
- D'AGOSTINO, R. **Três anos depois, linchamento de Fabiane após boato na web pode ajudar a endurecer lei**. G1, São Paulo, abr. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/e-ou-nao-e/noticia/tres-anos-depois-linchamento-de-fabiane-apos-boato-na-web-pode-ajudar-a-endurecer-lei.ghtml>>. Acesso em: 7 out. 2018.
- D'ANCONA, M. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news**. 1.ed. São Paulo: Faro Editorial, 2018.
- DARNTON, R. **A verdadeira história das notícias falsas**. El País, [S.l.], abr. 2017. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/28/cultura/1493389536_863123.html>. Acesso em: 16 set. 2018.

E-FARSAS. Disponível em: <<http://www.e-farsas.com>>. Acesso em: 14 set. 2018.

ESCÂNDALO DE DADOS FACEBOOK–CAMBRIDGE ANALYTICA. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Esc%C3%A2ndalo_de_dados_Facebook%E2%80%93Cambridge_Analytica&oldid=53354984>. Acesso em: 11 out. 2018.

FAKE CHECK. Disponível em: <<http://nilc-fakenews.herokuapp.com/>>. Acesso em: 14 set. 2018.

FERREIRA, P. **Escolas desenvolvem atividades para combater ‘fake news’**. O Globo, [S.l.], set. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/educacao-360/escolas-desenvolvem-atividades-para-combater-fake-news-23071672>>. Acesso em: 18 out. 2018.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GERAÇÃO Z é mais vulnerável à fake news. Neo Mondo, [S.l.], jul. 2018. Disponível em: <<http://www.neomundo.org.br/2018/07/12/geracao-z-e-mais-vulneravel-a-fake-news/>>. Acesso em: 25 out. 2018.

GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T. **Métodos de Pesquisa**. 1.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GUILLERMO, A. **A longa história das notícias falsas**. El País, Madri, jun. 2018. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/08/cultura/1528467298_389944.html>. Acesso em: 16 set, 2018.

HORBACH, C. **Processo judicial eletrônico**. Tribunal Superior Eleitoral, [S.l.], out. 2018. Disponível em < <https://www.conjur.com.br/dl/tse-determina-remocao-video-kit-gay.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2018.

LUPA. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa>>. Acesso em: 14 set. 2018.

MATSUKI, Edgard. **Atentado contra Bolsonaro foi forjado porque não há manchas de sangue #boato**. 2018. Boatos.org. Disponível em: <<https://www.boatos.org/politica/atentado-bolsonaro-forjado-sangue.html>>. Acesso em: 20 out. 2018.

MOURA, Rafael Moraes. **TSE determina remoção de vídeos em que Bolsonaro cita 'kit gay'**: 2018. O Estado de S. Paulo. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,tse-determina-remocao-de-videos-em-que-bolsonaro-cita-kit-gay,70002548946>>. Acesso em: 30 out. 2018.

O QUE SABEMOS do escândalo do Facebook e por que você deve se preocupar. UOL, São Paulo, mar. 2018. Disponível em: <<https://tecnologia.uol.com.br/listas/o-que-sabemos-do-escandalo-do-facebook-e-por-que-voce-deve-se-preocupar.htm>>. Acesso em: 8 out. 2018.

RAIS, D. **O que é “fake news”**. Mackenzie, abr. 2017. Disponível em <<https://www.mackenzie.br/fakenews/noticias/arquivo/n/a/i/o-que-e-fake-news/>>. Acesso em 2 set. 2018.

RFI. **Televisão francesa cria programa para ensinar jovens a desmascarar fake news**. 2018. Disponível em <http://br.rfi.fr/franca/20181022-televisao-francesa-cria-programa-para-ensinar-jovens-desmascarar-fake-news>. Acesso em: 26 nov.2018.

SALAS, P. Cuidado com a fábrica de mentiras. **Nova Escola**, São Paulo, ed.312, p. 18-21, mai. 2018.

SANTOS, Giselle. **Fake news: 5 mentiras que espalharam sobre Marielle**. UOL, [S.l], mar. 2018. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/cinco-mentiras-que-espalharam-sobre-marielle-equipe-da-ex-vereadora-lanca-site-contra-fake-news/>>. Acesso em: 8 out. 2018.

TERRA. **Mulher linchada no Guarujá pode se tornar lei no Congresso**. 2017. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/policia/mulher-linchada-no-guaruja-pode-se-tornar-lei-no-congresso,7a022882b17f5410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 20 set. 2018.

THE Real Story of 'Fake News'. **Merriam-Webster**, [S.l]. Disponível em <<https://www.merriam-webster.com/words-at-play/the-real-story-of-fake-news>>. Acesso em: 16 set.2018.

TINEYE. Disponível em: <<https://www.tineye.com/>>. Acesso em: 14 set. 2018.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TRUCO. Disponível em: <<http://apublica.org/truco>>. Acesso em: 14 set. 2018.

UNESCO. **Journalism, fake news & Disinformation**. 2018. Disponível em: <<https://en.unesco.org/fightfakenews>>. Acesso em: 16 out. 2018.

APÊNDICE A - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS (QUESTIONÁRIO)

O questionário que foi elaborado para a coleta de dados da presente pesquisa está disponível de forma online na ferramenta Google Forms.

Pesquisa sobre Fake News e Educação

Esse formulário tem como propósito coletar informações sobre o conhecimento de professores a respeito de Fake News e servirá como instrumento de coleta de dados para a minha monografia, trabalho de conclusão do curso de Especialização em Mídias na Educação da UFRGS. O objetivo principal é proporcionar aos professores recursos e estratégias para identificar se é seguro compartilhar uma notícia online, para que orientem os alunos no âmbito do ensino fundamental, minimizando os impactos que as Fake News podem ter na educação e na sociedade em geral. Os dados aqui coletados servirão como base para a elaboração de estratégias de apoio para docentes, para trabalhar o tema em sala de aula. Por isso, é de fundamental importância que as questões sejam respondidas com sinceridade, para que os dados coletados possam contribuir de fato com a pesquisa. O questionário é anônimo. Sua contribuição será de grande ajuda para a pesquisa. O questionário estará disponível até dia 14/11/2018. Obrigada pela disponibilidade! Tammi Schalm da Silva - Aluna do curso de Especialização Mídias na Educação - Ciclo Avançado 4ª edição - UFRGS.

PRÓXIMA

Página 1 de 4

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço

Google Formulários

Pesquisa sobre Fake News e Educação

*Obrigatório

Perfil do respondente

Qual a sua idade? *

- Entre 18 e 25 anos
- Entre 26 e 35 anos
- Entre 36 e 45 anos
- Entre 46 e 55 anos
- Acima de 55 anos

Qual das alternativas abaixo melhor define sua identidade de gênero? *

- Feminina
- Masculina
- Outro: _____

Qual é o seu grau de instrução? *

- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado

Em qual(is) nível(is) de ensino você atua? *

- Não estou atuando no momento.
- Atuo no Ensino Infantil.
- Atuo no Ensino Fundamental (séries iniciais)
- Atuo no Ensino Fundamental (séries finais)
- Atuo no Ensino Médio
- Atuo em Cursos de Idiomas e/ou Preparatórios
- Atuo no Ensino Técnico

Há quanto tempo você exerce ou exerceu a função de professor? *

- Menos de 1 ano
- Entre 1 e 4 anos
- Entre 5 e 10 anos
- Mais de 10 anos

Qual é a sua área de atuação? *

- Ciências da Natureza e suas Tecnologias
- Ciências Humanas e suas Tecnologias
- Linguagens e Códigos
- Matemática
- Pedagogia

Em qual tipo de instituição de ensino você atua? *

- Apenas em instituições privadas
- Apenas em instituições públicas
- Tanto em instituição privada, quanto em instituição pública

Quais são os principais meios que você usa para se informar diariamente?

- Televisão
- Rádio
- Jornais Impressos
- Revistas Impressas
- Jornais online (Folha de São Paulo, Gaúcha ZH, O Globo...)
- Portais de notícias (UOL, Terra, G1...)
- Mídias sociais (Facebook, Instagram, Twitter...)
- Aplicativos de comunicação (Whatsapp, Messenger, Hangouts...)
- Outros

Com que frequência você acessa mídias digitais (redes sociais e sites)? *

- Menos de uma vez por semana
- De uma a duas vezes por semana
- De três a cinco vezes por semana
- Todos os dias

Classifique os meios abaixo conforme o seu grau de confiança nas informações divulgadas. *

Indique usando a escala a seguir, sendo que 1 representa NADA CONFIÁVEL e 5 representa MUITO CONFIÁVEL.

	1	2	3	4	5
Televisão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Rádio	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Jornais Impressos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Revistas Impressas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Jornais online (Folha de São Paulo, Gaúcha ZH, O Globo...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Portais de notícias (UOL, Terra, G1...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Mídias sociais (Facebook, Instagram, Twitter...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Aplicativos de comunicação (Whatsapp, Messenger, Hangouts...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

VOLTAR

PRÓXIMA

Página 2 de 4

Pesquisa sobre Fake News e Educação

*Obrigatório

Sobre Fake News

O que você entende por Fake News? *

Sua resposta

Você já passou adiante uma Fake News? *

- Sim, de propósito.
- Sim, mas só percebi depois.
- Não que eu tenha conhecimento.
- Tenho certeza que nunca passei adiante uma Fake News.

Você já identificou alguma Fake News? *

- Sim, e compartilhei mesmo assim.
- Sim, mas não compartilhei.
- Não.

Se você compartilhou uma Fake News e só percebeu depois, qual foi sua atitude?

- Deixei como estava.
- Apaguei logo que percebi.
- Apaguei e fiz um post avisando que havia me enganado e postado uma notícia falsa

Você já viu alguém compartilhando Fake News? *

- Sim, mas costumo ignorar.
- Sim, e costumo avisar as pessoas que a notícia não é verdadeira.
- Não.

Você acha que espalhar Fake News é algo grave? *

- Sim, muito.
- Um pouco.
- Nem tanto.
- Não, nem um pouco.

Você já foi vítima de Fake News (Por exemplo, já inventaram uma notícia falsa em que você estava envolvido, tanto off-line, quanto online)? *

- Sim
- Não

Você tem alguém próximo que já foi vítima de Fake News (Por exemplo, já inventaram uma notícia falsa sobre alguém que você conhece, tanto off-line, quanto online)? *

- Sim.
- Não.

Você já sofreu alguma consequência por causa de Fake News? *

- Sim.
 Não.

Alguém próximo a você já sofreu consequências por causa de Fake News? *

- Sim.
 Não.

Você já ouviu falar de alguma figura pública que sofreu consequências por causa de Fake News? *

- Sim.
 Não.

Você acha que as pessoas podem tomar decisões importantes com base em Fake News? *

- Sim.
 Não.

Você já utilizou alguma ferramenta para detectar Fake News? *

- Sim, já utilizei.
 Não, nunca utilizei.
 Qual?

Em caso positivo, qual(is) ferramenta(s)?

Sua resposta

Você costuma verificar se a fonte é confiável antes de compartilhar alguma informação? *

- Sim, sempre.
 Na maioria das vezes.
 Nunca.
 Não costumo compartilhar informações.

VOLTAR

PRÓXIMA

 Página 3 de 4

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Pesquisa sobre Fake News e Educação

*Obrigatório

Fake News e Educação

Você já ouviu algum aluno/ ex-aluno falando em Fake News? *

- Sim.
- Não.

Você já viu algum aluno/ ex-aluno compartilhando Fake News? *

- Sim.
- Não.

Você já falou sobre Fake News em sala de aula? *

- Sim.
- Não.

Você concorda que o tema Fake News deve ser trabalhado com os alunos? *

- Discordo completamente.
- Discordo parcialmente.
- Sem opinião.
- Concordo parcialmente.
- Concordo totalmente.

Você gostaria de ter material específico para trabalhar as Fake News em sala de aula? *

- Não, pois não vejo a necessidade
- Sim, gostaria
- Prefiro trabalhar com material elaborado por mim

Na sua opinião, quais são as estratégias que um professor pode adotar para conscientizar os alunos sobre Fake News?

Sua resposta

Você aceita que suas respostas sejam utilizadas como dados para esta pesquisa sobre Fake News e Educação? *

- Sim.
- Não.

VOLTAR

ENVIAR

Página 4 de 4